



Práticas do desassossego: um estudo de caso sobre a literatura antilhana de língua francesa pelo viés decolonial

Practices of Disquiet: A Case Study on Antillean Literature in French According to Decolonial Criticism

Lilium Ramos

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul / Brasil

liliumramos@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-1963-5917>

Jessica de Souza Pozzi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul / Brasil

pozzijsj@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-0911-6371>

Resumo: Este artigo busca apresentar uma contribuição aos debates de culturas de língua francesa através de um estudo de caso sobre literatura antilhana por um viés decolonial (Walsh, 2013). Serão apresentados como exemplos decoloniais os estudos sobre a tradição dos contos crioulos, registrados e traduzidos para o francês por Ina Césaire e Joëlle Laurent em três obras bilíngues publicadas pela Éditions Caribéennes (*Contes de Mort et de Vie aux Antilles*, 1976; *Contes de Soleil et de Pluie aux Antilles*, 1988; *Contes de Nuits et de Jours aux Antilles*, 1989), e seus reflexos na literatura das Antilhas e da Guiana Francesa. A proposta decolonial também será aplicada à obra *Solibo Magnifique*, de Patrick Chamoiseau (1991). Para tanto, utiliza-se o conceito de literaturas do desassossego de Gauvin (2016) a fim de opor-se aos conceitos de *francofonia* e de *Littérature-monde* – apresentados por Alves (2012) – para designar as literaturas de língua francesa nas Américas, buscando incluí-las nas produções latino-

americanas. Percebe-se, assim, grande influência das tradições orais nas produções contemporâneas de escritores antilhanos, além da importância de levar este fato em conta em uma análise que se proponha decolonial dentro da universidade, como discorre Restrepo (2018).

Palavras-chave: pensamento decolonial; literatura antilhana de língua francesa; literaturas do desassossego; Ina Césaire; Patrick Chamoiseau.

Abstract: This article aims to contribute to the debates on French-speaking cultures through a case study on Antillean Literature according to Decolonial Criticism (WALSH, 2013). The studies about the tradition of creole tales, recorded and translated to French by Ina Césaire and Joëlle Laurant in three bilingual volumes published by Éditions Caribéennes (*Contes de Mort et de Vie aux Antilles*, 1976; *Contes de Soleil et de Pluie aux Antilles*, 1988; *Contes de Nuits et de Jours aux Antilles*, 1989) and its reflections on Antillean and French Guianese Literature will be presented here as decolonial examples. This decolonial approach will also be applied to the work of *Solibo Magnifique* by Patrick Chamoiseau (1991). In order to do so, the concept of Literatures of Disquiet has been used to oppose the concepts of *Francophonie* and *Littérature-monde* – as presented by Alves (2012) – to designate the literature in French language in America aiming to include them in Latin American productions. The influence of oral traditions in contemporary productions by Antillean writers is quite evident, as well how it is important to take this fact into account when proposing a Decolonial analysis inside the academy, as pointed out by Restrepo (2018).

Keywords: decolonial thinking; Antillean literature in French; literatures of disquiet; Ina Césaire; Patrick Chamoiseau.

1 Introdução

O desafio crescente de se pensar uma proposta educativa decolonial vem tomando proporções importantes no âmbito do conhecimento acadêmico. Em países com histórico de colonização e, conseqüentemente, violências e apropriações, torna-se cada vez mais urgente que as universidades repensem suas epistemologias sob o risco de desaparecimento de memórias que teimam em resistir nesse lugar de conhecimento que se pretende “universal”. O processo colonizador/civilizatório imposto pela cultura europeia tem, historicamente, silenciado narrativas através da colonização do ser (QUIJANO, 2005) e por isso, segundo Césaire (1971), é preciso lutar pelo direito dos povos em situação colonial de produzirem e narrarem sua própria história. A partir do conceito

de *pedagogias decoloniales*, proposto pela pesquisadora Catherine Walsh (2013), onde as pedagogias são apresentadas como estratégias, práticas e metodologias que denotam luta, rebeldia, *cimarronaje*/aquilombamento, insurgências, organização e ação, entendemos que a pesquisa acadêmica tem o dever de contemplar estudos e análises outras que deem conta de um conhecimento, de fato, universal. Silva e Serraria (2019, p. 280), de acordo com a proposta de pedagogia decolonial aplicada à universidade, apontam que

[o] discurso decolonial surge como processo de re-humanização frente às estruturas materiais e simbólicas que assediam a humanidade dos seres humanos e promove um (des)aprender daquilo que foi imposto e assumido para voltar a reconstituir o ser. A pedagogia decolonial é um discurso sobre a colonialidade e a (des)colonialidade do ser conectada ao fazer: não basta que os discursos circulem na academia, é necessário que docentes desenvolvam práticas como pedagogias que fazem questionar e desafiar a razão única da modernidade ocidental e do poder colonial que ainda se mantém presente.

O pensamento decolonial propõe o questionamento do profundo eurocentrismo que desqualificou e invisibilizou os conhecimentos dos sujeitos colonizados. Nesse aspecto, interculturalizar e transculturalizar a universidade descentralizando o monoculturalismo imposto no espaço acadêmico não significa rechaçar ou demonizar o conhecimento dito ocidental, mas sim promover diálogos entre saberes na intenção de construir uma epistemologia mais próxima às realidades das sociedades latino-americanas. Na reflexão “Decolonizar la universidad”, Restrepo (2018) atesta que a universidade é o dispositivo privilegiado da colonialidade do saber, com o qual se naturaliza seu eurocentrismo:

Na universidade, dominaram historicamente os sistemas científicos e, de maneira geral, conhecimentos especializados. Consequentemente, os conhecimentos eruditos e os saberes subjugados tem estado fora de lugar. Assim, só podem ser considerados no âmbito universitário quando aparecem como “objetos” de estudo para um disciplina, quando são dissecados, objetivados e incorporados por conhecimentos especializados dentro de protocolos acadêmicos estabelecidos. A universidade foi colonizada pelos sistemas científicos e por seus conhecimentos especializados. E já é assim há tanto tempo que a reprodução

desses sistemas e conhecimentos parece ter definido em grande parte a universidade por si mesma. (RESTREPO, 2018, p. 10-11. Tradução livre.)¹

Entendemos que os países da América Latina, embora com diferentes características políticas sociais, econômicas, linguísticas e geográficas, possuem uma história comum. No entanto, percebemos pouco diálogo entre determinados países e regiões: por exemplo, entre o sul do Brasil e o Caribe, estando a região brasileira mais próxima culturalmente da Europa, principalmente por um processo nefasto ocorrido no fim do século XIX – o incentivo do governo brasileiro à vinda de imigrantes alemães e italianos com o objetivo de desenvolver as terras “disponíveis” (sem a consulta devida aos povos originários) e promover o branqueamento da população. Nesse sentido, a proposta desta reflexão é discutir os estudos da literatura antilhana nas universidades brasileiras como uma prática decolonial, visto que os cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Francês são os responsáveis pela formação de professores e tradutores no país, mediadores de línguas e de culturas. Através das análises de obras dos martinicanos Ina Césaire (1942, –) e Patrick Chamoiseau (1953, –), a literatura antilhana será apresentada em uma perspectiva decolonial, de (re)conhecimento do espaço caribenho de língua francesa como produtor de saberes e como irradiador de epistemologias necessárias para compreender as dinâmicas culturais latino-americanas.

Ao se debater a intenção da *francofonia* como um passo importante nos estudos da língua francesa pelo mundo, percebe-se uma certa intenção colonizadora, visto que a França não estaria incluída na proposta, sendo “os outros” francófonos a partir de um centro irradiador e controlador da língua e da cultura. Conhecer, estudar e traduzir a literatura antilhana nos

¹ No original: “En la universidad han sido históricamente dominantes los sistemas científicos y, en general, los conocimientos expertos. En consecuencia, los conocimientos eruditos y los saberes sometidos han estado fuera de lugar. De ahí que solo pueden ser considerados en el ámbito universitario cuando aparecen como “objetos” de estudio para una disciplina, cuando son diseccionados, objetivizados e incorporados por conocimientos expertos dentro de protocolos académicos establecidos. La universidad ha sido colonizada por los sistemas científicos y por sus conocimientos expertos. Y lo ha sido desde hace ya tanto tiempo que la reproducción de estos sistemas y conocimientos pareciera definir en gran parte a la universidad misma.”

permite ampliar o conhecimento da cultura caribenha de língua francesa, bem como repensar a aplicabilidade teórica empregada às narrativas orais que são transpostas na língua colonizadora. Para tanto, nos utilizaremos do conceito de literaturas do desassossego, da pesquisadora canadense Lise Gauvin (2016), a fim de repensar as literaturas de língua francesa produzidas hoje nas Antilhas e na Guiana Francesa com base nas tradições orais crioulas dessas regiões. Propomos, então, uma perspectiva panorâmica que culmine em uma unidade crítica latino-americana decolonial sobre esses territórios que, mesmo estando ainda fortemente ligados à França, têm, como os demais países da América Latina, suas histórias marcadas pelo horror do colonialismo.

2 *La isla que se repite*: a comarca cultural caribenha

O romancista, ensaísta e contista cubano Antonio Benítez Rojo, em sua reflexão *La isla que se repite: el Caribe y la perspectiva posmoderna*, publicado em 1989, apresenta a região caribenha como um grupo de nações americanas com experiências coloniais distintas, que falam línguas diferentes, mas que, inquestionavelmente, apresentam certos traços em comum. Ainda que tenha sido o primeiro espaço conquistado e colonizado no continente americano, no fim do século XX seguia como uma das regiões menos conhecidas do mundo moderno: alguns dos obstáculos aos estudos panorâmicos da região seriam a fragmentação, a instabilidade, o recíproco isolamento, o deslocamento, a heterogeneidade cultural, a falta de historiografia e de continuidade histórica, contingência e temporalidade, sincretismo, etc. Para além dos entraves citados, o autor afirma que a sociedade (nomeada por ele de) pós-industrial continuava com o objetivo das navegações de Cristóvão Colombo, na qual cientistas, intelectuais, investidores e tecnólogos se voltam à América Latina com a intenção de aplicar “aqui” os métodos, dogmas e conceitos de “lá”. Sua proposta foi a de apresentar uma (re) leitura do Caribe, empenho nada fácil devido ao espaço caribenho estar saturado de mensagens em cinco línguas europeias mais as línguas aborígenes, somadas aos diferentes *créoles* desenvolvidos com os choques e as imposições culturais.

Os traços em comum apontados por Benítez Rojo (1989) configuram o espaço caribenho como uma comarca cultural. Buscamos este conceito nos estudos do intelectual uruguaio Angel Rama (1982) que, ao estabelecer uma complementaridade à ideia de *sistema literário*,

desenvolvido amplamente por intelectuais da década de 1960 na proposta de construir categorias de interpretação para uma literatura que, naquele momento, fazia parte do que se chamou de *boom* latino-americano, tencionou o conceito de *comarca literária*. Aguiar (2001) aponta que Rama ressaltava a impossibilidade de pensar os processos culturais na América Latina através das dimensões nacionais de nossas culturas e que haveria regiões dotadas de uma certa homogeneidade cultural característica, cujas dimensões extrapolam os limites nacionais impostos na colonização. Haveria, portanto, pelo menos, uma comarca pampeana (Uruguai, Argentina e o extremo sul do Brasil), uma comarca andina (norte da Argentina até a Venezuela), outra amazônica e, ainda, uma caribenha (ilhas e costas adjacentes). Infelizmente, com sua passagem precoce, o intelectual não teve tempo de desenvolver os conceitos de forma aprofundada; no entanto, a proposta segue vigente por parte de Benítez Rojo (1989), na identificação das dinâmicas comuns no espaço caribenho.

As Antilhas constituem uma ponte de ilhas – e de ideias – que conecta a América do Sul à América do Norte. Tal *acidente* geográfico constitui-se em *fato* geográfico: através da metáfora do estupro, cometido pela Europa à América, o intelectual cubano aponta que o Caribe “pariu” o Oceano Atlântico como caminho de aceleração do desenvolvimento do capitalismo e destaca a cultura da plantação como estrutura organizacional responsável por caracterizar a cultura caribenha. Ocorrências como os 10 milhões de escravizados que foram levados à força para a região, além dos milhares de *coolies* (Índia, China e Malásia) que chegaram em busca de trabalho; o desenvolvimento vertiginoso do capitalismo mercantil e industrial europeu em contraste com o subdesenvolvimento africano; a imposição do imperialismo; guerras, bloqueios coloniais, rebeliões, repressões; a exploração das *sugar islands* e o surgimento das *banana republics*; as alianças, intervenções, ditaduras, revoluções e, inclusive, o socialismo totalitário são tópicos em comum que se deslocam pela comarca caribenha.

O caráter de arquipélago, definido por Benítez Rojo (1989) como um conjunto descontínuo de espaços vazios, vozes esfiapadas, conexões, suturas e viagens de significação, manifesta uma cultura fluvial e marítima de rumos, não de rotas; de aproximações, e não de resultados exatos. Na ideia da ilha que se repete, a partir do discurso pós-estruturalista, toda repetição traz necessariamente uma diferença e uma prorrogação.

O Caribe é considerado um meta-arquipélago, sem centro e sem limites, pois não tem sua origem em uma ilha-centro. No mundo fluido das curvas, então, o que se repete? Um profundo sentido de improvisação, preferência por determinados alimentos (arroz, feijão, plátano, banana, mandioca, etc.), a mestiçagem, as formas sincréticas, a alta hierarquia da cultura popular, os modos de aproximação e distanciamento do Ocidente e a experiência socioeconômica da plantação. Nesse sentido, cabe destacar que Benítez Rojo (1989) extrapola as fronteiras político-geográficas ao apontar que o Caribe como conceito se estenderia até Recife, capital de Pernambuco, no Nordeste brasileiro. Tal aproximação é possível por conta dos processos socioeconômicos e culturais somados a elementos naturais como o clima, a geografia, os alimentos produzidos e consumidos.

Desta forma, interessa-nos refletir sobre a persistência dos estudos da literatura antilhana de língua francesa nos currículos das universidades brasileiras na intenção de contestar a observação de Benítez Rojo (1989) sobre o desconhecimento da região caribenha no começo da década de 1990. Entendemos que tais estudos devem tomar lugar de destaque ao lado dos assuntos franceses, visto que o tráfico negreiro foi uma perversa realidade para a França e alterou completamente a história e a geografia da África e do Caribe. Trata-se, portanto, de uma prática decolonial pensar as literaturas de língua francesa a partir do Caribe através da abordagem de suas características específicas como as marcas de oralidade, de conceitos desenvolvidos para essa literatura que surge na encruzilhada, que desestabiliza, que está fora do cânone francês, que desassossega.

3 *Francofonia* e colonialidade: reflexões para uma literatura do desassossego

No Brasil, as literaturas contemporâneas antilo-guianenses vêm ganhando cada vez mais leitores e espaço nos debates acadêmicos – ainda que muito lentamente. Pensar esses escritos contemporâneos de língua francesa em categorias latino-americanas já não nos parece tão evidente quando se trata de uma investigação que se propõe criticar essas obras, pois em geral essas análises possibilitam a reprodução desatenta de uma violência epistêmica, que por sua vez assegura o que Quijano, em *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina* (2005), apresenta como colonialidade do poder. Assim, no caso das literaturas antilhanas e guianenses, uma análise desatenta das obras que, a princípio,

possa parecer inovadora e pró-diversidade, pode acabar reproduzindo padrões culturais impostos pelo imperialismo francês.

Entre os escritores de expressão francesa nas ex-colônias, contudo, essa questão já vem sendo discutida há alguns anos através do debate sobre pertencimento a uma *francofonia* que, de acordo com Dany Laferrière, escritor americano – como ele mesmo se denomina – nascido no Haiti, em entrevista ao programa *Internationales* da emissora TV5 Monde,² é um termo criado simplesmente para contabilizar os falantes de francês fora da França, fazendo assim a manutenção do *status* anteriormente conferido à França de grande império.³ Mais tarde, o termo teria sofrido um deslizamento de significado, de acordo com Alves (2012, p. 69), no momento da criação do grupo de escritores ligados ao manifesto *Pour une littérature-monde en français* – do qual Dany Laferrière fez parte, junto de outros escritores e intelectuais antilhanos como Édouard Glissant e Maryse Condé – publicado em 2007 no jornal *Le Monde*,⁴ mas gestado desde a década de 1990. Assim, a ideia de *Littérature-monde en français*,⁵ segundo Alves (2012, p. 70), nasce justamente para contrapor o termo *francofonia*, que, ainda que tenha sido proposto como

modo de integração das culturas de língua francesa mediante uma relação de solidariedade e partilha da referida língua, [...] pode conduzir a uma assimilação das culturas e das literaturas francófonas enquanto variantes, exotismos, apêndices da cultura e da literatura francesas.

O movimento nasce, portanto, de maneira a ponderar a terminologia para com o conceito de francofonia em seu deslizamento semântico, visto também sua institucionalização com a criação da Organização

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XzvJ7R3Hkmo&t=1756s>.

³ As reflexões sobre *francofonia* e colonialidade expostas aqui surgiram a partir do ensaio proposto como avaliação da disciplina de Antropologia e Pós-colonialismo do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRGS, ministrada pelo Prof. Dr. Pablo Tibor Quintero Mansilla em 2019/2.

⁴ Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2007/03/15/des-ecrivains-plaident-pour-un-roman-en-francais-ouvert-sur-le-monde_883572_3260.html.

⁵ Traduzido por Zilá Bernd como “Literatura-global em francês”, conforme cita Alves (2012).

Internacional da Francofonia (OIF) em março de 1970. Contudo, o conceito – e a instituição ainda mais, evidentemente – contribui para a manutenção da colonialidade do poder (e, conseqüentemente, de uma colonialidade estética) e para a propagação de valores europeus ditos universais. Tais valores refletem principalmente na formação de professores, nas pesquisas acadêmicas e na formação literária em ex-países colonizados, colaborando, assim, para um ensino de francês como língua estrangeira, bem como para as práticas tradutórias, completamente voltadas para a cultura francesa, excluindo outros autores falantes de francês dos currículos e propagando o fazer literário – aquele que é considerado adequado e digno da atenção da academia – em termos europeus.

Não obstante, esse movimento surgido de um manifesto de escritores e intelectuais que perceberam a problemática que envolvia esse projeto de expansão cultural através da língua – ou seja, da colonialidade da linguagem – ainda é, segundo Alves (2012, p. 123), tributário de um princípio integracionista, assim como a *francofonia*; persiste, portanto, após o advento da *Littérature-monde*, um problema já antes posto pela *francofonia*: se, antes, a diversidade das literaturas “francófonas” ganhava ares de exotismo, o problema não se soluciona reivindicando-as como pertencentes ao “mundo inteiro”. Por isso, então, alguns autores defendem a manutenção do termo *francofonia* no que diz respeito às literaturas – principalmente autores quebequenses –, por seu caráter *bouleversant* (perturbador) à França que, por sua vez, diminui as produções francófonas.

A problemática terminológica para designar as produções literárias em língua francesa nas ex-colônias acaba, então, por instigar muitos autores que buscam uma solução capaz de responder de maneira responsável e igual para com essas literaturas. É o caso da escritora e ensaísta canadense Lise Gauvin (2016) que, por sua vez, cunha o termo *Littératures de l'intranquillité* (literaturas do desassossego, termo emprestado de Fernando Pessoa) para designar os escritos quebequenses e antilo-guianenses, opondo-se assim tanto a *Littérature-monde* quanto a *francofonia*. O objetivo primeiro da autora para tal proposição é, portanto, tentar designar as literaturas de língua francesa sem marginalizá-las. Para sustentar seu argumento em relação ao desassossego promovido pelos escritos contemporâneos das Antilhas e da Guiana Francesa, ela disserta sobre as conseqüências causadas pelos ambientes plurilíngues

em que escrevem esses autores em suas literaturas, autores esses que se situam, portanto, em uma encruzilhada de línguas⁶ (no caso das Antilhas e da Guiana Francesa, o francês, o crioulo e as línguas autóctones). Esse entrecruzamento de línguas e culturas possibilita ao escritor de expressão francesa na América, segundo a autora, uma sensibilidade maior à problemática das línguas, ou seja, “uma *sobreconsciência linguística* que faz da língua um lugar de reflexão privilegiado, um espaço de ficção e quiçá de fricção” (GAUVIN, 2016, p. 28. Tradução livre).

Esses escritores têm também em comum, ainda segundo Gauvin (2016, p. 29), o fato de escreverem para diferentes públicos com diferentes culturas que habitam um mesmo território, ou, para utilizar um termo discutido anteriormente nesta reflexão, uma mesma comarca cultural, o que, por sua vez, viabiliza a necessidade de encontrar estratégias de produção literária que enfim deem conta da expressão de suas comunidades de origem que por si sós já são bastante diversas, o que, conseqüentemente, permite uma compreensão bastante ampla de suas obras no que se refere aos demais grupos leitores não pertencentes a essas comunidades. Assim, ainda que os romancistas latino-americanos de expressão francesa sejam sempre levados a integrar relatos e questões que os habitam e o cenário de escrita se torne parte integrante da ficção, há uma dupla forma de institucionalização em suas literaturas: a que os liga a esse ambiente de origem e a que se aproxima do campo literário da França hexagonal, o que os possibilita tratar de temas específicos e ainda assim universais, criando então, de acordo com Gauvin (2016), uma espécie de vanguarda tumultuante nesse conjunto descontínuo que é a comarca caribenha.

A situação de diglossia que possibilita o ambiente plurilíngue no qual encontra-se imerso o escritor latino-americano que escreve em francês, portanto, permite a ele, como afirma Gauvin (2016, p. 30), uma primeira desterritorialização constituída pela passagem da tradição oral

⁶ No original, «à la croisée des langues». Decidimos traduzir “la croisée” aqui por “encruzilhada” numa referência à *Pedagogia das encruzilhadas*, de Luiz Rufino, um dos conceitos decoloniais utilizados na pesquisa Literatura Afro-latino-americana, registrada no Departamento de Línguas Modernas da UFRGS coordenada pela Profa. Dra. Liliam Ramos. Segundo Rufino (2020, p. 27), “Macumba e encruzilhada são princípios que compreendem um amplo repertório que diz, desde a presença, os conhecimentos, as linguagens e as aprendizagens traçadas como forma de luta contra a dominação cultural.”

à escrita, e ainda, mais insidiosamente, a desterritorialização causada pelos diferentes públicos desses contadores de histórias: o público imediato – no caso do conto oral – e o público distante – ou seja, os leitores. Por conta disso, o escritor antilo-guianense precisa encontrar estratégias que Édouard Glissant chamou “estratégias de desvio”,⁷ que se apresentam de formas variadas – que vão “[...] da tradução ao comentário explicativo ou à prática de processos astuciosos destinados à integração das línguas [...]” (GAUVIN, 2016, p. 30. Tradução livre). Assim, os textos antilo-guianenses apoiam-se nos deslizamentos de língua que são inseridos no texto de maneira poética, deslizamentos esses que permitem o questionamento do leitor sobre as fronteiras entre a verdade e a ficção, reflexo evidente e imediato da tradição oral do conto crioulo, que também se situa no entre-lugar da realidade e da imaginação.

Finalmente, é possível afirmar categoricamente que grande parte do que se tem hoje de informação sobre o conto crioulo parte do trabalho realizado por Ina Césaire, filha de Aimé Césaire. A etnóloga, junto de Joëlle Laurent – na época, futura etnolinguista –, realizou um trabalho exaustivo no que diz respeito ao registro dos contos orais, os quais ela transcreveu em crioulo, traduziu para o francês e publicou em três obras bilíngues cujos títulos são: *Contes de Mort et de Vie aux Antilles* (primeira edição publicada em 1976), *Contes de Soleil et de Pluie aux Antilles* (publicado pela primeira vez em 1988) e *Contes de Nuits et de Jours aux Antilles* (publicado em 1989).⁸ No prefácio da primeira obra, as organizadoras dissertam sobre a tradição oral e afirmam o costume de contar histórias para as crianças à noite, hábito que em geral é conduzido pelas mulheres. A grande ocasião em que ainda sobrevivem os contos orais no final dos anos 1980, contudo, são as cerimônias fúnebres, em que esses contos são narrados por homens e direcionados a um público adulto, sempre à noite – fato que remonta às tradições africanas ou ainda ao tempo da escravização dos homens nessas terras cujo período da noite era o único respiro de liberdade que se tinha. A partir de então, Césaire e Laurent (2017, p. 8) passam a descrever esse momento de contação de

⁷ *Stratégies de détour*, no original.

⁸ Em breve, será lançado no Brasil o terceiro livro da trilogia pela Editora Figura de Linguagem, de Porto Alegre, especializada em publicação de autores negros com cotas para autores e tradutores brancos. Tradução de Jéssica de Souza Pozzi e Samanta Vitória Siqueira.

histórias, que é bastante performático. Através de suas personagens e suas temáticas (que são majoritariamente três: a fome, a astúcia e a revolta), afirma-se ainda que o papel do conto oral antilhano é o da representação sob uma forma simbólica da realidade social, através, portanto, das armas miraculosas do humor e da poesia. Não existem dúvidas quanto ao uso da contação de histórias pelos escravizados, que expressavam através dessas práticas seus sentimentos, suas experiências e suas revoltas, e é por isso que o conto antilhano se mostra revelador quando analisado atentamente.

Essa expressão, dita somente em crioulo e advinda de um meio popular não urbanizado, infelizmente foi-se perdendo ao longo do tempo. O trabalho de Césaire e Laurent é um dos poucos registros escritos (quicá o único publicado em livro) que se tem hoje dessas histórias que percorrem gerações nas Antilhas e na Guiana Francesa e que constituem uma forma alternativa de registro do passado dessas comunidades, contrapondo-se aos escritos europeus sobre esses territórios, que constituem, por sua vez, uma visão distorcida e colonizatória sobre eles, justamente contribuindo para o que Edward Said vai denunciar como uma tradição orientalista em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (2017).

A partir da análise dos contos crioulos transcritos, traduzidos e publicados nas três obras organizadas por Ina Césaire e Joëlle Laurent, percebe-se uma evidente influência dos contos orais – a Oralitura – na literatura produzida por autores contemporâneos nas Antilhas e na Guiana Francesa. Apesar da escrita em francês – primeiramente pelo motivo do alcance dessa língua e, depois, pelo crioulo ser uma língua oral cuja transcrição de Césaire e Laurent exigiu, antes de tudo, uma sistematização comparativa com o francês para refletir sobre a melhor maneira de transcrever em crioulo os contos gravados para que os falantes desta língua pudessem entendê-la quando escrita –, a literatura antilhana utiliza-se de diversos recursos advindos primeiramente da tradição oral, sobretudo o ritmo, que se diferencia da escrita francesa por suas frases curtas, marca também da oralidade, além de, é claro, uma temática que envolve o imaginário crioulo, a paisagem crioula e suas histórias que ultrapassam a linha do fantástico. Rompe-se, portanto, o paradigma da literatura concebida em língua francesa a partir da Europa que se propõe a todos os clichês da literatura dita universal.

Um bom exemplo de tal fazer literário atual, que apresenta muitas características percebidas também nos contos orais e cuja temática aborda justamente a tradição do *conteur*, é a obra de Patrick Chamoiseau

de 1988, *Solibo Magnifique*. O autor sintetiza em sua obra a poética da língua crioula, conceito de Hector Pouillet e Sylviane Telchid cunhado em “*Mi bè; pawòl mi!*” ou *Éléments d’une poétique de la langue créole* (2010), através do relato da história de um *conteur* – o último da Martinica no final dos anos 1970, quando as tradições orais já não eram mais tão comuns – que morre de repente em meio a uma performance em pleno carnaval martinicano. O enredo gira em torno, portanto, da investigação policial sobre o ocorrido e das histórias dos ouvintes que testemunharam o caso. A partir disso, a narrativa transcorre acerca de dois questionamentos centrais: “quem matou Solibo Magnifique?”, por parte da polícia, e “quem era Solibo Magnifique?”, por parte das testemunhas, amigos e conhecidos de Solibo que o escutavam quando ele foi atingido – afirmam eles – por uma *égorgette de la parole*, ou seja, quando ele foi “estrangulado pela palavra”.

Percebe-se então que o romance é permeado pela estética da oralidade: a fragmentação da narrativa, a colagem de histórias – a de Solibo e as das testemunhas –, as marcas da língua crioula ou deslizamentos linguísticos, como citado anteriormente (palavras, expressões, sotaques quando se fala francês, nomes próprios, etc.), as onomatopeias reproduzidas pelo narrador, como bem faz o *conteur*, que imita os sons da natureza, e o diálogo direto com o leitor são alguns aspectos que quebram a expectativa de um leitor habituado a uma escrita francesa. Além disso, ficção e realidade se confundem quando se descobre que uma das testemunhas é o próprio Patrick Chamoiseau, que também narra boa parte da história. Assim sendo, o autor, bem como alguns *conteurs*, coloca-se como expectador da história que conta: como escritor, ele é um *marqueur de paroles* (“gravador de palavras”) – segundo afirma o próprio narrador –, enquanto o *conteur* é reconhecido como *maître de la parole* (“mestre da palavra”). Chamoiseau coloca-se, assim, como copista da tradição, cumprindo a tarefa de compilar e armazenar o conto crioulo na escrita latino-americana de expressão francesa.

Ademais, também é possível constatar a presença de pelo menos dois dos grandes temas do conto crioulo apontados por Césaire e Laurent (2017, p. 13) no romance de Chamoiseau: a fome, através da miséria em que vivem alguns personagens, em sua maioria desempregados e sem residência fixa; e a astúcia, tanto de Solibo em relação a diversos aspectos de sua vida que mais tarde o leitor toma conhecimento a partir dos depoimentos das testemunhas, quanto das próprias testemunhas que

tentam esquivar-se da enquete policial. Assim, vão-se desenrolando os mistérios que envolvem a morte e a vida de Solibo Magnifique ao longo dos depoimentos das testemunhas do ocorrido.

Outras questões que envolvem o conto crioulo e, conseqüentemente, a sociedade antilhana também podem ser constatadas na obra: o pai da personagem principal é ausente, fato bastante comum nas histórias orais crioulas, visto que esta é uma sociedade majoritariamente matrifocal, cuja mãe é o cerne do sistema familiar e o pai é um mero reprodutor que normalmente não assume a devida responsabilidade para com seus filhos – herança do sistema escravista na região, evidentemente. Além disso, a truculência da polícia como instituição é também aqui bastante evidente, envolvendo tanto os policiais negros quanto brancos vindos da França, reforçando assim a problemática das estruturas de poder que permanecem nas Antilhas sob o comando da metrópole.

Assim sendo, Patrick Chamoiseau – tomado aqui como exemplo, mas não o único a fazer isso nas Antilhas, como já citado – é capaz de produzir uma literatura em língua francesa que se diferencia da mera reprodução do fazer literário concebido na Europa, principalmente porque quebra com os paradigmas do tema da territorialidade apresentado por Walter Mignolo (1995) que, de acordo com Rita Segato (2013, p. 51), nunca consegue inscrever-se adequadamente ao discurso dos povos, visto a inconsistência entre a territorialidade cartográfica, que orienta o poder político e cala a voz enunciada por sujeitos étnicos. Assim, em geral, o controle colonial (ou, nesse caso específico, neocolonial) impede as consciências de situarem-se em sua paisagem e expressarem-se a partir dela, pois o discurso é capturado por um poder político que o persuade e o obriga a localizar-se em referência a centros geográficos impostos à subjetividade pela poderosa retórica administradora do mundo, ou seja, a retórica colonial. Segundo Quijano (2005, p. 110),

[a] incorporação de tão diversas e heterogêneas histórias culturais a um único mundo dominado pela Europa, significou para esse mundo uma configuração cultural, intelectual, em suma intersubjetiva, equivalente à articulação de todas as formas de controle do trabalho em torno do capital, para estabelecer o capitalismo mundial. Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia européia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de

poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento.

Nas Antilhas, parece-nos que a produção literária ultrapassou essas questões. A riqueza da literatura martinicana e guadalupense, que se estende também à Guiana Francesa, precisa ser pensada como produção latino-americana de língua francesa, corroborando assim uma criação artístico-literária que dê conta da complexidade das relações sociais resultantes de uma imposição colonial e, conseqüentemente, cultural. Enfim, a Oralitura escrita hoje por romancistas antilhanos é o retrato mais transparente possível dessa sociedade repleta de contradições que, visto seu *status* político que a relaciona ainda diretamente à França, tenta a seu modo sobreviver sob os paradoxais embates da vida cotidiana.

Para melhor compreender e analisar, portanto, as produções literárias antilhanas, e para que o debate dentro da universidade – que carrega em si desde sua criação a problemática apontada anteriormente por Quijano (2005), visto ser também uma estrutura de poder com raízes europeias – abra espaço para a diversidade de textos latino-americanos em língua francesa que se tem hoje, é que se torna tão importante conhecer a dinâmica da tradição oral em toda sua complexidade. De acordo com Ludwig (2010, p. 15), o arquipélago (as Antilhas), é o ponto de contato e de confronto entre o mundo europeu escrito e a oralidade do *conteur* crioulo, que encontra seu espaço à noite – esse momento que, para o escravizado, representava lazer, prazer e insubmissão. Tomar consciência da opacidade que a noite carrega nesse caso, assim como a palavra do *conteur* crioulo, é negar, para o autor, o totalitarismo da razão cartesiana. Assim, o escritor contemporâneo martinicano, guadalupense e guianense não apresenta sua realidade de maneira enciclopédica, mas consegue associar seus leitores ao misticismo do vodu e ao ritmo circular da narrativa, recusando-se então a reduzir uma narrativa complexa a uma mera fórmula analítica. Se foi essa *parole de nuit* que forneceu as bases para a desalienação do escravizado e que lhe deu a possibilidade de uma nova identidade, então é dela também que o escritor antilhano e guianense vai se servir para criar uma poética da língua crioula na literatura contemporânea. Para Chamoiseau (2010, p. 157), o escritor antilhano de hoje precisa adotar a atitude do *conteur* crioulo: um homem sozinho, de pé no meio da noite, solidário às almas destruídas que o cercam e

servem como público, almas que esperam dele o maravilhamento, o esquecimento, a distração, o riso, a esperança, e excitação, enfim, a chave para a resistência e para a sobrevivência.

4 Palavras finais

Como todos os espaços de vivência social dentro de um continente colonizado, a universidade é um reflexo de ideias deste sistema, ou seja, apresenta-se como um ambiente ainda predominantemente conservador e tradicional que baseia seu rigor científico através de uma epistemologia eurocêntrica dita universal. Nesse contexto, Walsh (2013) traz uma reflexão sobre a necessidade de abranger outras epistemologias nos ambientes pedagógicos e, baseando-se nessas concepções, discorre sobre as frestas da crise da colonialidade e do capitalismo que possibilitam a introdução de novas formas de produção de conhecimento. Para a autora, é através de uma estruturação da memória coletiva que se obtêm propostas decoloniais, caracterizadas como símbolos de luta e rebeldia de povos originários e diaspóricos permitindo-se ser, pensar e produzir independentemente do poder colonial que os rodeia. Essas propostas se constituem como

[p]edagogias que incentivam o pensar desde e com genealogias, racionalidades, conhecimentos, práticas e sistemas civilizatórios e de viver distintos. Pedagogias que incitam possibilidades de estar, ser, sentir, existir, fazer, pensar, olhar, escutar e saber de outro modo, pedagogias direcionadas a e ancoradas em processos e projetos de caráter, horizonte e intenção decolonial. (WALSH, 2013, p. 28. Tradução livre.)⁹

Para a efetivação de práticas decoloniais, é necessário voltar o olhar para outros povos que constituem e escrevem a história do continente latino-americano, como os exemplos apresentados nesta reflexão. As literaturas de língua francesa produzidas na encruzilhada de línguas nas Antilhas escancaram a violência colonial tanto nas

⁹ No original: “[p]edagogías que animan el pensar desde y con genealogías, racionalidades, conocimientos, prácticas y sistemas civilizatorios y de vivir distintos. Pedagogías que incitan posibilidades de estar, ser, sentir, existir, hacer, pensar, mirar, escuchar y saber de otro modo, pedagogías enrumbadas hacia y ancladas en procesos y proyectos de carácter, horizonte e intento decolonial.”

abordagens temáticas dos produtores das narrativas (autores, *conteurs*) como a fome, a astúcia e a revolta, quanto na representação linguística na língua de partida pela impossibilidade de a terminologia francesa dar conta de uma gama de significados que só é possível compreender em *créole*. Tal tarefa não é simples, visto que nos próprios territórios antilhanos o *créole* era proibido nas instituições formais de ensino até a década de 1980, o que escancara a imposição colonial do ainda centro político-econômico, a França.

É justamente neste mundo fluido das curvas e dos desvios da comarca caribenha que a perspectiva decolonial traz novas chaves de leitura da memória de nosso continente, aproximando regiões tão diferentes, mas ao mesmo tempo com histórias compartilhadas de colonização, de violências e de imposições. O debate sobre a literatura antilhana no Brasil proporciona o conhecimento ampliado das dinâmicas caribenhas aos estudantes brasileiros que, ao compreenderem-se partícipes de um espaço de ilhas que se repetem, têm a possibilidade de conhecer novos autores e textos, de aprender variantes linguísticas do idioma francês e de reavaliar os processos históricos latino-americanos de forma panorâmica.

Referências

AGUIAR, F. W. Comentário ao texto “O boom em perspectiva”, de Angel Rama. *In: CD-ROM: Antologia de textos fundadores do comparatismo literário interamericano*. [Rio Grande do Sul], 2001. Disponível em <http://www.ufrgs.br/cdrom/rama/comentarios.htm>. Acesso em: 28 jun. 2020.

ALVES, A. C. «*Mon nom, je l’habite tout entier*»: Littérature-monde en français e seus lugares de enunciação. 2012. 208f. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/54085>. Acesso em: 26 jun. 2020.

BENÍTEZ ROJO, A. *La isla que se repite: el Caribe y la perspectiva posmoderna*. Madrid: Editorial Casiopea, 1989.

CÉSAIRE, A. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Noémia de Sousa. Porto: Poveira, 1971.

CÉSAIRE, I.; LAURENT, J. *Contes de mort et de vie aux Antilles*. Sénégal: NENA, 2017.

CHAMOISEAU, P. Que faire de la parole ? Dans la tracée mystérieuse de l'oral à l'écrit. In: LUDWIG, R. (org.). *Écrire la « parole de nuit »* : la nouvelle littérature antillaise. Saint-Amand: Gallimard, 2010. p. 151-158.

CHAMOISEAU, P. *Solibo Magnifique*. Paris: Gallimard, 1991.

DES écrivains plaident pour un roman en français ouvert sur le monde. *Le Monde*, France, 15 mars 2007. A La Une. Disponível em: https://www.lemonde.fr/a-la-une/article/2007/03/15/des-ecrivains-plaident-pour-un-roman-en-francais-ouvert-sur-le-monde_883339_3208.html. Acesso em: 14 jan. 2020.

GAUVIN, L. Des littératures de l'intranquillité. *Intercâmbio : Revue d'Études Françaises*, Porto, 2 série, n. 9, p. 27-33, 2016. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/14880.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2020.

LAFARRIÈRE, D. Internationales – Danny Lafarrière Dimanche 24 mai. *InternationalesTV*, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XzvJ7R3Hkmo&t=1756s&ab_channel=InternationalesTV. Acesso em 14 jan. 2020.

LUDWIG, R. Écrire la parole de nuit : Introduction. In: _____. (org.). *Écrire la « parole de nuit »* : la nouvelle littérature antillaise. Saint-Amand, France: Gallimard, 2010.

POULLET, H.; TELCHID, S. Éléments d'une poétique de la langue créole. In: _____. (org.). *Écrire la « parole de nuit »* : La nouvelle littérature antillaise. Saint-Amand, France: Gallimard, 2010. p. 181-190.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 24 jun. 2020.

RAMA, A. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI, 1982.

RESTREPO, E. Decolonizar la universidad. In: BARBOSA, J. L.; PEREIRA, L. *Investigación Cualitativa Emergente: reflexiones y casos*. Sincelejo: CECAR, 2018. p. 8-23.

SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEGATO, R. *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013.

SILVA, L. R.; SERRARIA, R. As narrativas do tambor como práticas decoloniais. *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 279-297, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.94755>.

WALSH, C. Lo pedagógico y lo decolonial. Entretejiendo caminos. In: _____. *Pedagogías Decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. p. 23-68.

Recebido em: 30 de junho de 2020.

Aprovado em: 29 de agosto de 2020.